A ERA DA PÓS-NORMALIDADE

Amostra

A Era da Pós-Normalidade

Copyright © 2026 Edições 70

Edições 70 é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2026 ANTONIO GELIS FILHO

ISBN: 978-655427391-6

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2026 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G322e

Gelis Filho, Antonio.

A era da pós-normalidade: Ensaios sobre geopolítica e gestão / Antonio Gelis Filho. Rio de Janeiro: Edições 70, 2026.
256 p. : il. ; 15,7 x 23 cm

ISBN 978-65-5427-391-6

1. Geopolítica. 2. Gestão. 3. Relações internacionais. 4. Tomada de decisão. I. Título.

CDD: 327

Índice para catálogo sistemático:

1. Relações internacionais / geopolítica (327)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Editor da Obra: Rodrigo Mentz
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs
Produtor Editorial: Natalia Curupana

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:

Amostra

A ERA DA PÓS-NORMALIDADE

ENSAIOS SOBRE GEOPOLÍTICA E GESTÃO

ANTONIO GELIS FILHO

Amostra

70

Amostra

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9

INTRODUÇÃO 13

01 Na terceira margem: A era da pós-normalidade 31

02 Modelos para compreensão do mundo atual 39

03 Biografia e história. 117

04 Biografia organizacional e história 125

05 Os usos da palavra "geopolítica" 133

06 Fake news ou "fakelessness"? 169

07 Lidando com vieses na mídia. 181

08 (Quase) tudo o que você precisa saber sobre geopolítica e negócios em um único exercício. 191

09 Cenários: Geopolítica e gestão 203

10 Geopolítica e gestão: Dez dicas 227

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O Futuro como ele poderá ser 237

REFERÊNCIAS 247

Amostra

Amostra

Para Tatiana

Amostra

Amostra

APRESENTAÇÃO

Entender a relação entre as transformações geopolíticas e o processo de tomada de decisão empresarial é um recurso intelectual importante para a gestão contemporânea. Este livro foi pensado como um auxílio para o desenvolvimento desse recurso.

Foi escrito para um público das mais diferentes formações universitárias, constituído por pessoas que trabalham ou que pretendem trabalhar no mundo empresarial, em ONGs e em organizações públicas e que foram, são, serão ou poderiam ter sido alunos ou alunas em meus cursos, palestras e treinamentos empresariais. Não é, portanto, um livro escrito para acadêmicos, mas seria uma enorme satisfação se ele abrisse janelas de diálogo com meus colegas na gratificante e muito desafiadora viagem que é ser professor.

Tendo nascido de minha interação com as salas de aula e em organizações públicas e privadas, busquei reforçar aquilo que sempre foi apontado como um ponto forte de meus cursos: um escopo amplo de interesses, a independência intelectual em relação àquilo que "todo mundo sabe", em relação aos "times políticos" e, acima de tudo, muito pensamento "fora da caixa". Muitas pessoas consideram essas características úteis para ajudá-las a tomar decisões no mundo empresarial e mesmo em suas carreiras.

O livro possui Introdução, dez capítulos divididos em duas partes, "Reflexões" e "Aplicações" e as Considerações Finais.

Amostra

Introdução. Nela apresento as duas principais hipóteses de observação da realidade geopolítica que guiam meu trabalho. A primeira é a de que vivemos o desmonte de um sistema que chamo de **liberal--progressismo**, organizado após o fim da Segunda Guerra Mundial e ampliado após o fim da Guerra Fria, quando foi tentada sua expansão global. Esse desmonte nos lançou em uma transição geopolítica que há muito não vivíamos. Comento também, nesse contexto, as características de um grupo existente em sociedades semiperiféricas como o Brasil, que chamo de **abandonato**. A segunda hipótese é de que temos quatro grandes grupos globais de interesses geopolíticos alinhados, o (1) **Ocidente Liberal-Progressista**, o (2) **Ocidente Antissistêmico**, a (3) **Grande Eurásia** e a (4) **Margem Geopolítica.** Finalmente, introduzo o tema da gestão empresarial durante a transição geopolítica.

PARTE I - REFLEXÕES (CAPÍTULOS 01 A 06)

Nesta parte temos as discussões teóricas do livro, essenciais para podermos compreender a relação entre geopolítica e gestão.

Capítulo 01. **Na Terceira Margem: A Era da Pós-Normalidade**, onde explico o conceito de pós-normalidade como sendo um período de "não-normalidade", e não apenas um período "anormal". A diferença, como a vejo, não é filosófica, mas sim com muitas implicações de ordem prática, particularmente na forma como tomamos decisões. Exploro um conto de Guimarães Rosa para ilustrar os conceitos.

Capítulo 02. **Modelos para compreensão do mundo atual**. Aqui desenvolvo o modelo apresentado em linhas gerais na introdução, o modelo quadrilateral da geopolítica contemporânea.

Capítulo 03. Biografia e História. Neste exato momento, como em qualquer outro, sua biografia está sendo influenciada e, ainda que de forma discreta, está influenciando aquela inevitável produção dos grupos humanos — a história. A partir da exploração da relação entre história, geopolítica e minha própria biografia, procuro demonstrar a importância fundamental dessa interação em nossas vidas.

Capítulo 04. Biografia Organizacional e História. A relação entre biografia e história também é perceptível nas biografias organizacionais. A partir da análise da organização onde passei a maior parte de

Amostra

minha vida acadêmica, a Fundação Getúlio Vargas, procuro evidenciar essa relação.

Capítulo 05. Os usos da palavra "geopolítica" . Este é o capítulo mais "acadêmico" do livro. Nele discuto os "inimigos da geopolítica", geopolítica na academia de ciências sociais, no complexo geopolítico-militar, na academia de negócios e na mídia não especializada e redes sociais.

Capítulo 06. *Fake News ou "fakelessness"*? Nesse capítulo, abordo esse tema central em nossos tempos e tão importante na tomada de decisão. Qualquer debate sobre geopolítica e sobre tomada de decisão empresarial envolve a forma como absorvemos informação, e a discussão sobre verdade, mentira e *fake news* é essencial para compreendermos como essa absorção se dá.

PARTE II - APLICAÇÕES (CAPÍTULOS 07 A 10)

Os quatro capítulos desta parte trazem elementos da aplicação da geopolítica na gestão.

Capítulo 07. Lidando com vieses na mídia. Discutimos aqui o papel dos vieses das fontes de informação na geopolítica.

Capítulo 08. (Quase) tudo o que você precisa saber sobre Geopolítica e Gestão em um único exercício . Exploraremos, juntos, um exercício que tenho aplicado em sala de aula para preparar alunos e alunas a entenderem como abordam geopolítica na gestão e melhorar essa abordagem.

Capítulo 09. Cenários. Discuto cenários geopolítico-militares, e cenários "modelo Shell". Desenvolvo quatro cenários globais para os próximos anos, e suas implicações para o Brasil.

Capítulo 10. Geopolítica e Gestão: Dez dicas. Um capítulo de geopolítica na gestão, que pode ser abordado diretamente por quem precisa aplicar o conhecimento "ontem", sem pressupor leitura dos capítulos anteriores.

O texto se encerra com as **Considerações Finais.**

Amostra

Este livro terá atingido seu objetivo se for útil aos que estão no mercado de trabalho ou se preparam para tanto. Gostaria de agradecer a todas as muitas pessoas que, diretamente ou indiretamente, colaboraram para que este livro surgisse. Acima de tudo, agradeço aos alunos e alunas que tanto exigem de nós, professores, mas que tanto nos dão em troca. Sem vocês, nem este livro nem os muitos momentos fantásticos que vivi em sala de aula teriam existido. Obrigado por várias décadas de desafio e de realização pessoal e profissional. Que venham muitas mais.

Amostra

INTRODUÇÃO

O que é que os taipais do mundo escondem nas montras de Deus?

Fernando Pessoa,
Poemas de Álvaro de Campos[1].

Os taipais a que se refere Fernando Pessoa nessa bela frase eram estruturas de madeira colocadas na frente das vitrines — as montras — para protegê-las ou para ocultar aquilo que exibiriam apenas no momento adequado. No contexto da obra do autor português, na qual o misticismo ocupa um grande espaço, remetem à existência de uma outra dimensão da realidade, para além das aparências, dimensão na qual estão as verdadeiras "montras de Deus", ocultas por trás de um mundo sensível que funciona como um bloqueio a nos impedir de vê-las.

Como sempre ocorre com as obras do gênio, porém, a frase também funciona em outros planos. É, por exemplo, uma bela metáfora de nossos esforços para antecipar o que virá. Em algum lugar do presente estão as sementes que brotarão como futuro, mas não conseguimos enxergá-las. Desenvolvimentos que ainda mal notamos, mudanças que não se anunciam como tal, tendências em construção. Como as montras de Fernando Pessoa, esses processos permanecem ocultos atrás dos taipais de nossa visão embaçada

1 PESSOA, Fernando. Poesias de Álvaro de Campos. In *Fernando Pessoa: Obra Poética*. Ed. Nova Aguilar, 1997.

Amostra

por vieses pessoais, *wishful thinking* e pela inércia que nos impede de aceitar as mudanças até que a adaptação se torne inevitável. Sabemos, porém, que as montras desse tempo futuro, já ocultas no presente, escondem, por detrás desses taipais, um novo mundo em construção. Um novo mundo que nasce do fim de um longo período histórico. Cada um de nós decidirá o quanto de esforço dedicará à sua adaptação a essas transformações. Se você abriu este livro, é provável que esteja percebendo a importância de fazê-lo, de ao menos tentar levantar um pouco os "taipais do mundo presente" que nos impedem de ver essas modificações já em curso, verdadeiras "montras do mundo futuro". Espero que ele possa ser útil a você nessa empreitada.

Da mesma forma que em todas as fases anteriores de tumulto global, muitas dessas transformações são geopolíticas. Geopolítica, como a defino para nossa finalidade de incorporá-la à tomada de decisão empresarial, é a palavra que descreve a disputa entre entidades macropolíticas pelo poder no espaço global, seja esse espaço geográfico, sociopolítico, econômico, psicológico ou virtual, bem como os produtos intelectuais derivados de esforços para compreensão e otimização dessa disputa. É provável que as questões geopolíticas cresçam muito em importância nos próximos anos.

Enfrentamos uma tempestade perfeita: transição geopolítica, transição demográfica, transição tecnológica, transição ambiental. É a "era da pós-normalidade".

O que apresento neste livro são minhas hipóteses de observação da realidade geopolítica; não são teorias acadêmicas que pretendam explicar alguma verdade perene e, muito menos, o mero recitar de fórmulas ideológicas. Isso significa que algumas dessas hipóteses terminarão revelando-se prescientes, outras não. Não há problema algum nisso. Hipóteses de observação da realidade não são bolas de cristal; seu objetivo é guiar nosso olhar sobre o presente e sobre os processos de mudança em curso, aquilo que gosto de chamar de "longo prazo que vive, discretamente, no curto prazo". Tenho, porém, tido razões para confiar que essas hipóteses realmente podem ajudar na navegação de nossos tempos de confusão. São duas as principais hipóteses do livro.

Amostra

HIPÓTESE 01. O FIM DO LIBERAL-PROGRESSISMO DO PÓS-GUERRA E O DESESPERO DO ABANDONATO SEMIPERIFÉRICO

A principal hipótese do livro é a de que vivemos o desmonte de um acaso histórico político-social que se organizou após a Segunda Guerra Mundial. A expressão que uso para definir esse acidente é "liberal-progressismo". Organizou-se nos países centrais do Ocidente — Estados Unidos, França, Reino Unido, Alemanha — espalhando-se com modificações para outros países geopoliticamente ocidentais, como Japão, Itália (especialmente em seu terço setentrional), Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo) e outros. O liberal-progressismo, como o defino, é uma espécie do gênero "macromecanismo de gerenciamento de tensões sociais e manutenção da estabilidade econômica e política". Todo país, nesse sentido, possui o seu macromecanismo, ao menos em algum grau, do contrário a anomia e o caos tomariam conta. Esse macromecanismo inclui tanto o governo quanto as potenciais oposições, bem como o poder não institucionalizado, que influencia a ambos. É aquilo que os teóricos da conspiração chamam de *sistema*; intuem corretamente sua existência, mas erram ao dotar-lhe de uma capacidade de perfeita manipulação e controle total que nunca possui.

Não há nada de conspiratório nisso. Sempre foi assim, sempre será assim. Toda sociedade gera pessoas que se percebem como estando razoavelmente satisfeitas com sua situação — ao menos a ponto de se acomodarem com sua condição pessoal — e pessoas que se percebem como prejudicadas pelo estado das coisas, em maior ou menor grau, e que lutam para mudá-la, ou ao menos desejam que alguém o faça por elas. A diferença entre esses dois grupos depende de condições materiais objetivas, mas também de traços pessoais e coletivos, de acidentes históricos e de conjunturas específicas. Nunca haverá uma sociedade onde todos estarão satisfeitos; daí vem a necessidade de criarmos um macromecanismo institucional que nos proteja do caos.

Esses macromecanismos são muito menos planejados do que gostariam os ideólogos e os teóricos da conspiração, daí sua limitada capacidade de manipulação e controle, embora "limitada" não signifique pequena. E, a despeito de emergir parcialmente de planos pré-estabelecidos, muito do macromecanismo institucional de uma sociedade surge de acasos, de contingências históricas, de soluções

Amostra

temporárias que se tornam permanentes, de caprichos individuais que se cristalizam em instituições longevas, de soluções paliativas de crises agudas que cronificam as doenças sociais e políticas que desejavam debelar e de meias-medidas que, uma vez tomadas, mostram-se resistentes a mudanças por serem muito convenientes no curto prazo e a despeito de serem profundamente inconvenientes no longo prazo. Finalmente, muito daquilo que forma o macromecanismo institucional de um estado soberano é o resultado de soluções para problemas que são tomadas no embate dos interesses durante momentos de tensão e que desagradam a todos os envolvidos, mas que acabam sendo a única solução política e socialmente possível. As sociedades, mesmo aquelas que passam por períodos históricos de muito sucesso, são uma mistura de planejamento, improviso duradouro e acaso.

O surgimento do liberal-progressismo foi um acidente por ter decorrido de uma situação anômala: a existência de uma superpotência comunista, a União Soviética, então considerada uma enorme ameaça. Sua existência e influência levou os governos ocidentais a investirem muito do crescimento econômico derivado da reconstrução pós-guerra, da introdução de tecnologias amadurecidas durante o conflito e de lucros derivados da então hegemonia ocidental sobre boa parte do planeta, na criação de uma formação sociopolítica que evitasse o deslizamento de suas sociedades para o então temido comunismo. Formação sociopolítica que, como diz o cientista social alemão Wolfgang Streeck — de quem divirjo em muita coisa, mas cuja obra influenciou meu trabalho, como ficará claro — era uma exceção criada por uma conjuntura específica, mas tão "fotogênica" que a tomamos como modelo de sucesso e como objetivo das sociedades atuais. Streeck não usa a expressão "liberal-progressismo" que eu uso por razões que explicarei à frente; ele utiliza a expressão "capitalismo democrático" para descrevê-la, e não a utiliza da forma como dela me apropriei para elaborar a minha visão.

E por que o liberal-progressismo ocidental dos anos 1950s–1990s foi uma exceção? Porque, pressionados pela influência soviética sobre seus trabalhadores e intelectuais, pressionados pelo bom desempenho de partidos comunistas — o Partido Comunista da Itália foi, por décadas, o segundo mais votado do país — os governos ocidentais forneceram às suas populações um padrão de vida insustentável no longo prazo. Esse

Amostra

projeto foi sustentado, inicialmente, pela alocação generosa dos resultados do *boom* de crescimento das três décadas que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial, elevando quase continuamente o nível de vida de suas populações. A partir do fim dos anos 1960s, o sistema foi mantido vivo por aquilo que o autor alemão descreveu como sendo as quatro crises do capitalismo democrático[2]. Insustentável, o projeto foi sendo mantido vivo por aparelhos de respiração econômica artificial, a despeito da piora contínua do paciente. O sonho acabou, mas as populações ocidentais e as populações que idealizam a experiência liberal-progressista ocidental pelo mundo afora não aceitam esse fato. Aqui estamos.

Por que *liberal-progressismo*? É *liberal* tanto no sentido de defender a alocação de recursos pelo mercado, diferentemente da União Soviética, seu grande adversário da época em que se organizou, quanto por alocar o poder por meio de eleições livres, embora livres dentro de um sistema construído para ser mantido tanto pelo governo quanto pela oposição, como Streeck explicou. E o considero *progressista* pela promessa de contínua evolução social e econômica para todos, bastando para isso que a pessoa fizesse o mesmo que todos os demais faziam, sem a necessidade de correr os riscos que os inovadores e os empreendedores correm, um modelo maravilhoso socialmente, mas que se revelou insustentável. Sei que uso ambas as palavras de uma forma diferente de muitos, por isso as explico.

Esse progresso viria, nos EUA, pelo crescimento contínuo da renda do trabalho, mesmo aquele não-especializado, o dito trabalho *blue collar*; na Europa, viria do imenso sistema de proteção social, que protegeria as pessoas "do berço ao túmulo". O progresso do pós-guerra, talvez a última chance de um grande grupo de países ocidentais de acumular tanta riqueza em tão pouco tempo, foi gasto bancando esse modelo tão atraente quanto insustentável, como já sabiam os fundadores do Clube de Roma em 1968[3]. Essa organização, que existe até hoje, era uma associação de muitos dos maiores tomadores de decisão

2 STREECK, Wolfgang. The crises of democratic capitalism. *New Left Review*, v. 71, Sep/Oct, pp. 5–29, 2011.

3 MEADOWS, Donella; MEADOWS, Dennis; RANDERS, Jorgen e BEHRENS, William W. *The Limits to Growth: A Report for the Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind*. Universe Books, 1972.

Amostra

da Europa e estudavam, entre outras coisas, os já então perceptíveis limites ao crescimento econômico, ao menos dentro daquele modelo.

Vivemos agora uma crise que existe tanto na história quanto nas biografias: o choque entre a realidade e os nossos desejos de como deveria ser essa realidade. Nenhum governo, ocidental ou não, conseguirá reconduzir suas populações, de uma forma minimamente sustentável no tempo, àquele padrão de vida do pós-guerra, que incluía não apenas o aspecto material, mas também a sensação de segurança individual e coletiva. A hegemonia ocidental se foi, embora o Ocidente ainda seja proeminente. Pela primeira vez em, talvez, quinhentos anos, uma potência não-ocidental — China — rivaliza economicamente com o Ocidente. Muitos centros de poder mais ou menos autônomos surgem pelo planeta (por exemplo, China, Rússia, Índia, Indonésia, Irã, África do Sul, Nigéria, Brasil e outros), já não tão subordinados aos desejos dos ocidentais como outrora e, em sua maioria, sem as ilusões socialistas de repressão ao mecanismo do preço e à iniciativa individual que tanto atrapalharam o seu desenvolvimento no passado. O "retorno do real" da poluição, que não se limita ao grave excesso de CO_2 na atmosfera, já encarece a produção econômica e reduz a qualidade de vida em muitos locais. A população humana já não cresce como antes, e nem poderia fazê-lo, pois o planeta tem limites. Tecnologias disruptivas, como inteligência artificial, computação quântica, manipulação genética e ciência dos novos materiais, cada uma delas, por si só, capaz de representar uma revolução social e política, surgem ao mesmo tempo.

O liberal-progressismo ocidental cumpriu seu papel histórico de empurrar o capitalismo através da Guerra Fria, mas a confortável existência que forneceu à pequena parcela da população mundial que dele se beneficiou diretamente acabou. Nas palavras de Wolfgang Streeck,

> O capitalismo democrático só se consolidou plenamente após a Segunda Guerra Mundial, e somente nas regiões "ocidentais" do mundo, América do Norte e Europa Ocidental. Lá, funcionou extraordinariamente bem nas duas décadas seguintes — tão bem, aliás, que esse período de crescimento econômico ininterrupto ainda domina nossas ideias e expectativas sobre o que o capitalismo moderno é, ou poderia e deveria ser. Isso apesar de, à luz da turbulência que se seguiu, o quarto de século imediatamente posterior à guerra ser reconhecível como verdadeiramente excepcional[4].

4 STREECK, 2011, p. 5.

Amostra

Wolfgang Streeck refere-se àquilo que chamo de *liberal-progressismo* como *capitalismo democrático*. Modifico seu conceito por conta de não concordar com a sua explicação de que aquele período assistiu a uma experiência única de junção entre capitalismo e democracia.

De qualquer maneira, porém, o drama que vivemos é que a ilusão que esse sistema específico de um período histórico criou espalhou-se pelo mundo e molda desejos sociais irrealizáveis pelo planeta afora, alimentados por discursos políticos e práticas governamentais irresponsáveis. O tão propalado "populismo" inclui o populismo fiscal, talvez sua versão mais praticada: gasto hoje aquilo que me elegerá amanhã e cuja conta ficará para os futuros dirigentes e para a população que hoje se ilude com a falsa bonança, pagando-a com muitos juros — financeiros e sociais — depois de amanhã.

A tecnologia e a ciência melhoraram muito nossas vidas em geral, ao menos em termos de expectativa de vida, de indicadores sociais e de acesso a recursos inimagináveis até há pouco tempo; nem isso, porém, debela a perene idealização e a demanda, em muitas partes do mundo, por uma vida que se assemelhe à vida idealizada das populações do centro do liberal-progressismo ocidental em seu auge. Países que nunca carregaram essa ilusão crescem: China e Índia são dois exemplos.

Por outro lado, presas na busca por um passado que não retornará, muitas populações pelo mundo afora tornam-se alvo de discursos populistas, de direita, de esquerda e de centro, que prometem a elas a volta a esse eldorado idealizado da Europa e dos EUA nos anos 1950s-1990s, ainda que não usem as mesmas expressões que aqui utilizo. O resultado é perda de competitividade nas sociedades ocidentais e ocidentalizadas e crescimento quase contínuo em sociedades mais pragmáticas.

Pelo mundo afora, especialmente nos países da semiperiferia — conceito introduzido por Immanuel Wallerstein[5],[6] e que explico, modificando-o do original, como sendo o conjunto daqueles países que apresentam um certo grau de desenvolvimento sem nunca terem realmente sido incorporados ao espaço liberal-progressista central,

5 WALLERSTEIN, Immanuel. *World Systems Analysis*. Duke University Press, 2004, pp. 28–30.

6 WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World System II: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600–1750*. University of California Press, 2011, pp. 178–241.

Amostra

países como Brasil, México, Argentina, Turquia e outros — uma parte da população, em geral pertencente à classe média, a seus pequenos empresários, aos profissionais e intelectuais, grupo a que chamo de **abandonato**, passa a vida idealizando a existência na Europa e nos EUA, presos às fantasias do auge do liberal-progressismo.

Sentem-se como se fossem "pessoas do mundo desenvolvido, abandonadas na semiperiferia", daí "abandonato". Isso é tanto uma estratégia emocional para lidarem com a realidade de seus países (que, passo a passo, vai se tornando também a realidade dos países que idealizam) quanto uma forma de creditar a não realização de seus sonhos de vida a seus países "atrasados" e à sua elite e população "primitivas". Com isso, essa população isenta-se de quase qualquer responsabilidade pelas consequências de suas decisões ao longo dos anos, um mecanismo psíquico talvez pouco saudável, mas amplamente acessível ao abandonato. Essa população do abandonato semiperiférico talvez seja a que mais sofre e que mais se desespera com o possível fim da hegemonia ocidental, que frequentemente iguala à "civilização".

Essa necessidade de idealizar os países ocidentais gera um apego fervoroso desse grupo de pessoas à idealização que projetam sobre as sociedades — na realidade, a cada dia mais complicadas — de Europa e América do Norte. Existe, entre nós, em uma versão mais à esquerda e uma mais à direita. Estes idealizam a *alt-right* norte-americana; aqueles, mais numerosos, identificam-se com o progressismo "globalista" e com o identitarismo das universidades e ONGs americanas.

Isso é curioso. Nosso país é formado, em sua larga maioria, pelos sobreviventes da dizimação dos indígenas, pelos africanos escravizados que foram para cá trazidos à força e por descendentes de europeus, de pessoas do Oriente Médio e da Ásia Oriental que para cá vieram por questões econômicas, fugindo da pobreza, ou para sobreviver, fugindo de guerras e massacres. Como digo em minhas salas de aula: aqueles que somos descendentes de europeus viemos para o Brasil, em nossa grande maioria, após dez mil anos (a contar do início arqueológico aproximado da civilização) de pobreza e de violência na Europa. Muitos de nós, em duas ou três gerações, ascendemos mais do que nossos antepassados conseguiram durante todo esse tempo na Europa. Ainda assim, como é comum ouvir pessoas nessa situação diminuírem o Brasil.

Amostra